

SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DIVERSIDADE E DIREITOS HUMANOS

ESTIGMATIZAÇÃO DO CORPO LÉSBICO: MULHERES LÉSBICAS QUEREM TORNAR-SE HOMENS?

Luana Medeiros de Sá Lucas¹
Jeferson Camargo Taborda²

Resumo: Investigar como se constitui o estigma do corpo de mulheres que se reconhecem como lésbicas, que tenham acesso à internet e sejam maiores de 18 anos. Além disso, Elucidar a construção histórica que perpassa a vivência de mulheres lésbicas e quais marcadores corporais se fazem presentes nos discursos heteronormativos, Investigar, a partir do discurso elencado pelas mulheres entrevistadas, de que maneira a estigmatização do corpo lésbico afeta sua vivência e Responder a indagação principal, mulheres lésbicas querem ser homens?. Tem-se como foco de interesse a busca por produzir novos sentidos para corporalidades na própria comunidade LGBTQIA+ e investigar como as exigências heteronormativas estão atravessadas nesse processo. A discussão sobre o processo identitário e corporal será realizada a partir da perspectiva da cartografia, recurso metodológico que se utiliza de meios plurais, abertos e multidimensionais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utilizará de entrevista semiestruturada aplicada ao mapeamento dos afetos e a compreensão da visão de mundo das participantes, visto que o meio social se torna lugar de prova ao corpo LGBTQIA+, que a partir da vivência em uma cidade heteronormativa depara-se com rejeição a diferenças identitárias que buscam moldar subjetividades e consequentemente, a construção identitária.

Palavras-chave: Estigma; Corpo; Lésbica; Cartografia.

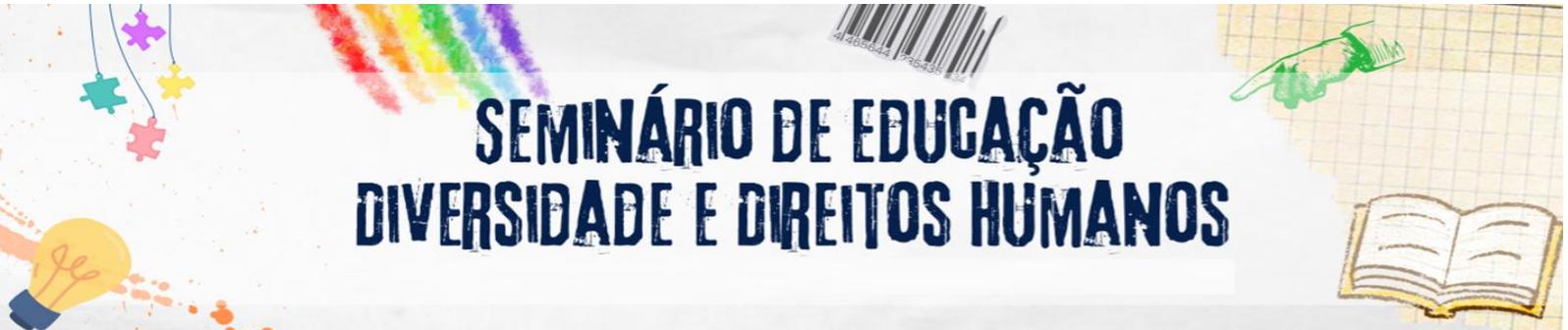
INTRODUÇÃO

O termo sexualidade emerge em meados do século XIX com o intuito de demarcar outros fenômenos, de maneira contrária a somente modificações de terminologias. Diversos aspectos foram levados em conta, como a inovação de normas, desenvolvimento de áreas de conhecimento variados e essencialmente mudanças na forma com que cada sujeito valoriza seus sentimentos, condutas, objetivos, prazeres e desejos (FOUCAULT, 2007a). Por conseguinte, as áreas de conhecimento passaram a elaborar leis que direcionam a sexualidade humana, influenciando a forma com que ocorre o processo de subjetivação e até mesmo de que jeito o indivíduo deve viver seus prazeres sexuais e desejos (FOUCAULT, 2005).

Partindo desse pressuposto, o processo de sexualidade e identidade de gênero possui embasamento em traços ditos como masculinos ou femininos de acordo com os discursos médicos, políticos ou judiciários, que buscam estabelecer o certo e errado, anormal e normal. Um exemplo desse pressuposto é o caso de Herculine Barbin, que ainda no século XIX, se suicidou após ser legalmente obrigada a trocar de sexo, por ter nascido com “sexo

¹Mestranda em Psicologia, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Campo Grande- MS. E-mail: luamslucas@gmail.com

²Professor do curso de Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Paranaíba-MS. E-mail: jeferson.taborda@ufms.br



SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DIVERSIDADE E DIREITOS HUMANOS

indeterminado” ou seja, com traços corpóreos que causavam dificuldade na determinação de binarismo de gênero (WEEKS, 2000).

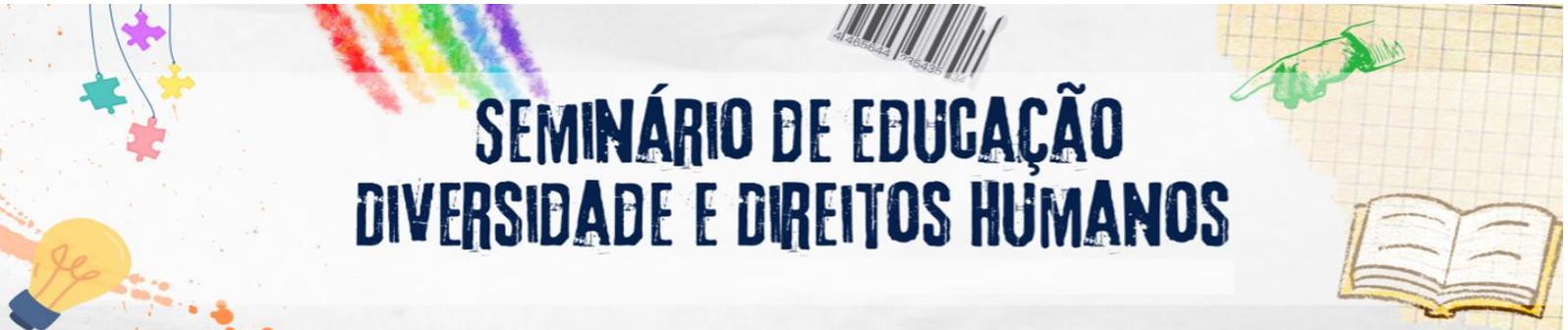
As formas de singularização da vida são reprimidas por regras de convivência estabelecidas. Por isso, os espaços são resultados de produções subjetivas marcadas pelo contexto inviabilizador. O meio social torna-se lugar de prova ao corpo LGBTQIA+, que a partir da vivência em uma cidade heteronormativa depara-se com rejeição a diferenças identitárias que buscam moldar subjetividades. Conseqüentemente, o corpo LGBTQIA+ no meio social age como denúncia às institucionalizações que buscam controlar a vida em variadas dimensões (DELEUZE; GUATTARI, 1996).

Isto posto, as minorias, ou aqueles que se encontram nos níveis mais baixos da pirâmide, ao estarem envolvidos em processos fundamentalmente heterossexuais que homogeneízam o erotismo, sensualidade, corpo e sexualidade, perdem suas características subjetivas quanto à vivência humana e social. Os impactos da anulação da subjetividade, partindo das normas regulamentadoras de poder, influenciam diretamente na realidade do público LGBTQIA+, visto que as políticas de hierarquização não somente agem sob as expressões do corpo, mas também sob locais frequentados e vestimenta.

No que tange a vivência de mulheres lésbicas, é possível observar a invisibilidade dessa existência, que contam primeiro com a desqualificação de mulheres, advindas de uma ordem majoritariamente masculina e segundo com a desvalorização de sua orientação sexual partindo da primazia heterossexual. Assim, o modo de existir de mulheres lésbicas vão contra ao modelo binário de gênero e sexualidade (TÂNIA SWAIN, 2000).

Mulheres lésbicas que se transpuseram ao modelo de feminilidade tradicional, expressando características consideradas como masculinizadas são frequentemente marginalizadas. Isso porque ao rejeitar o tradicionalismo de gênero a mulher lésbica passa a ser considerada como um sujeito fora da ordem “mulher”, que inclusive é indagada sobre um possível desajuste de hormônio, formas corporais e genética. Além disso, os fatores sociais também são elencados como maneira de justificar o viver lésbico, como por razões familiares desestruturadas ou até mesmo possível abuso sexual na infância (ÉRICA SOUZA, 2012).

Portanto, ao analisar a quebra de paradigmas de mulheres que performam gênero distante ao padrão de comportamentos, vestuários ou condições estéticas, tem-se como foco de



SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DIVERSIDADE E DIREITOS HUMANOS

interesse a busca por produzir novos sentidos para corporalidades na própria comunidade LGBTQIA+ e compreender como as exigências heteronormativas são atravessadas nesse processo.

A discussão será composta por estudos que abordem os contextos sociais, históricos e culturais como constituintes do processo de estigmatização a partir da cartografia, que tem por objetivo possibilitar o reconhecimento das relações de forma que descreva a subjetividade envolta nos poderes e saberes dos discursos elencados, justificando variados novos pontos de vista de acordo com os encontros ocorridos. Tem-se, então, a análise dos processos e não meramente do objeto, a fim de que ocorra a investigação e ademais, a produção de conhecimento.

OBJETIVOS

Objetivo geral

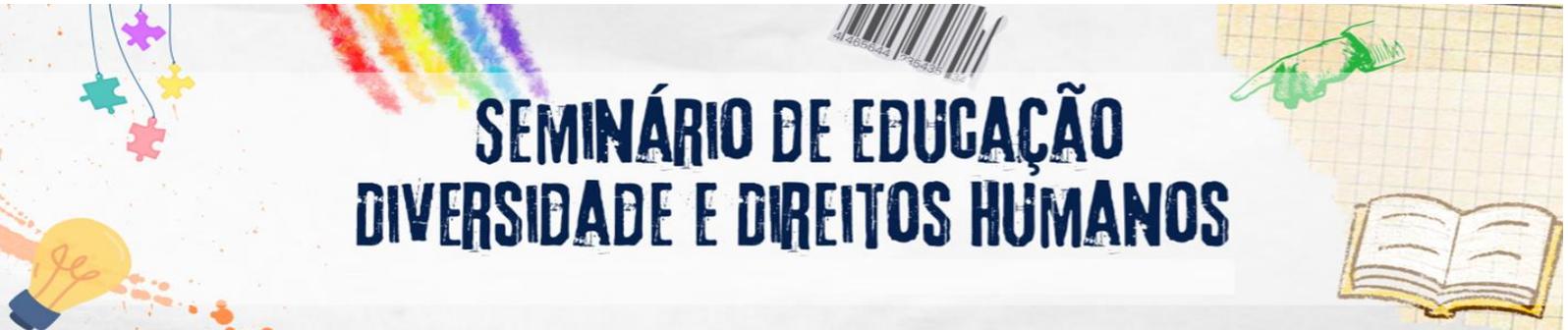
Investigar como se constitui o estigma do corpo de mulheres que se reconhecem como lésbicas, que tenham acesso à internet e sejam maiores de 18 anos.

Objetivos específicos

- Elucidar a construção histórica que perpassa a vivência de mulheres lésbicas e quais marcadores corporais se fazem presentes nos discursos heteronormativos;
- Investigar, a partir do discurso elencado pelas mulheres entrevistadas, de que maneira a estigmatização do corpo lésbico afeta sua vivência;
- Responder a indagação principal, mulheres lésbicas querem ser homens?

METODOLOGIA

A cartografia que aqui será descrita está diretamente ligada às ciências humanas, sociais e mais do que mapeamento, busca traçar movimentos, jogos de poder, relações, conflitos, modos de subjetivação, objetivação e estetização. Não diz respeito aos territórios e sim às relações e forças que se entrelaçam no espaço, tempo e métodos de Foucault, ligados à



SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DIVERSIDADE E DIREITOS HUMANOS

metodologia do saber, poder e subjetividade (DELEUZE; GUATTARI, 1997). Os pressupostos filosóficos da cartografia buscam refletir sobre uma realidade que parta de dispositivos inovadores. Para além dos apresentados nos discursos científicos, ocorre a valorização daquilo que se movimenta nos intervalos, como potencial forma e criação de realidade.

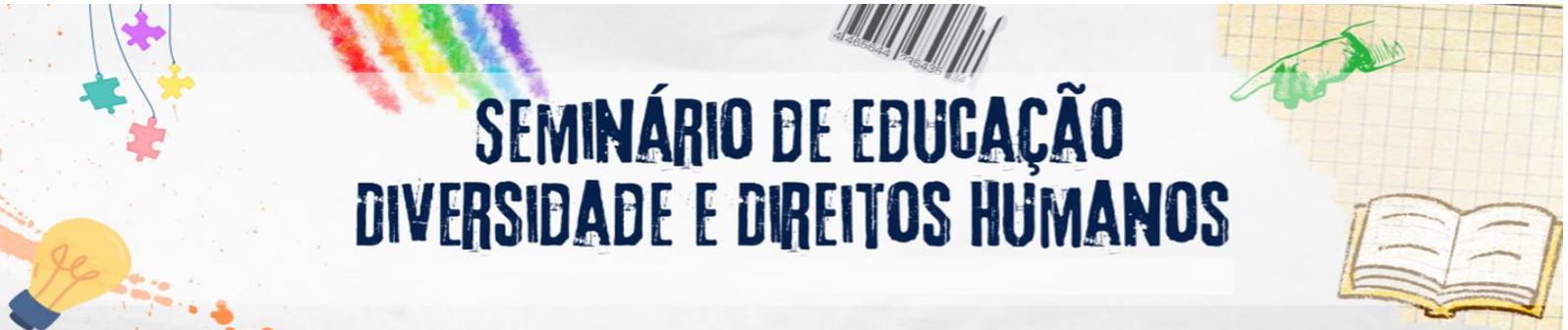
A cartografia também denominada de esquizoanálise, pragmática e micropolítica, teve sua fundamentação partida dos filósofos Gilles Deleuze e o psicanalista Félix Guattari. Inicialmente, tratava-se de um conceito retirado da geografia, que posteriormente foi adaptado as áreas humanas, seja na subjetividade, política ou filosofia (COSTA, 2014).

A cartografia clássica está localizada na área de conhecimento geográfico, fundamentado em estatísticas, matemáticas, técnicas e instrumentos primorosos. Sua particularidade está inserida no traço de mapas de territórios, fronteiras, demarcações, topografias, regiões, acidentes geográficos e ainda, na distribuição de sujeitos em determinado espaço, com marcadores étnicos, econômicos, sociais, de saúde, alimentação, educação e entre outros (FILHO; TETI, MARCELA, 2013).

E conformidade com método de pesquisa, admite-se que a atuação do pesquisador deve ir além do modelo prescritivo, ou seja, adiante às regras e objetivos preestabelecidos. Nada obstante, a partir da reversão do método tradicional, a cartografia utiliza-se da orientação de percurso de pesquisa, dessa forma, não diz respeito a ações sem direção, mas em ser o primeiro, durante o processo de estudos, a traçar metas. A diretriz cartográfica é composta por indicações que conduzem a pesquisa de forma a considerar as influências do processo sobre o objeto, resultados e pesquisador (PASSOS; KASTRUP, VIRGINIA; ESCOSSIA, LILIANA, 2009).

O cartógrafo enquanto pesquisador, contrária a concepção de investigações acerca do mundo das essências, direcionará as perguntas ao processo, visto que se entende o sujeito como autor e compositor da realidade, enquanto cartografa. Cabe ao investigador, diferentemente do método de pesquisa positivista, que mantém a distância entre o campo e o pesquisador, estar envolto no processo de busca de forma que não esteja distante e neutro quanto aos caminhos percorridos. Dessa forma não há apenas a coleta de dados e sim a produção, que tem como condição o envolvimento no curso da exploração (COSTA, 2014).

As questões existentes não dizem respeito a pensamentos presentes na cabeça das pessoas e sim que os sujeitos, ao estabelecerem ligações com o objeto, criam questionamentos



SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DIVERSIDADE E DIREITOS HUMANOS

que trazem reflexão. Por isso, é indispensável que o indivíduo esteja em contato com as informações para que a partir disso, inicie-se o pensamento e movimento. É importante elencar que a movimentação não diz respeito somente ao deslocamento. Trata-se do deslocamento de reflexões naturalizadas que demandam disponibilidade, isto é, é preciso que o pesquisador esteja levemente atento para que enquanto em observação, não perca o foco de todas as outras informações. Entretanto, levemente distraído, para que não corra o risco de uma percepção demasiadamente inconstante (DELEUZE; PARNET, 1998).

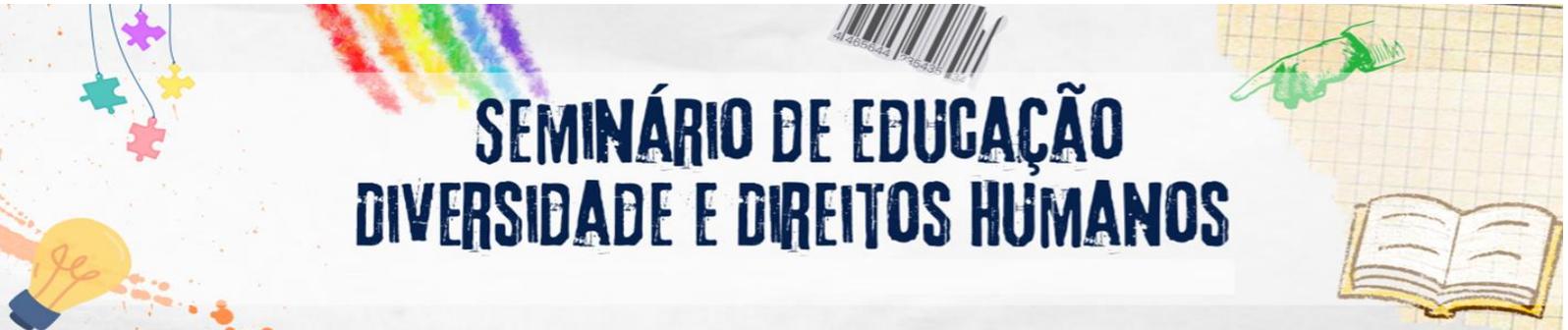
Posto isso, ainda sobre as atribuições de um cartógrafo, é preciso que o mesmo leve consigo:

Suja, a cartografia nunca poderá ter como ideal a transparência e neutralidade; segundo o mais conhecido fragmento de Heráclito, a gente nunca se banha duas vezes em um mesmo rio porque o rio nunca é o mesmo assim como a gente também não o é. No que diz respeito à cartografia diríamos que a gente nunca pisa duas vezes em um mesmo campo de pesquisa; ao lidar com territórios que são moventes, cabe ao cartógrafo o exercício de uma sensibilidade plural. O saber do cartógrafo é sempre um saber multi/implicado, frágil e um tanto provisório; Inseparabilidade entre conhecer e fazer; pesquisar e intervir: toda cartografia é um conhecer-fazendo; cartografar é estar, e não olhar de fora; Só se faz cartografia artistando-se (COSTA, 2014, p. 75.)

Partindo desse pressuposto, o presente projeto de pesquisa apresentado ao programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, inicialmente conta com o levantamento de literaturas buscando a compreensão da história do corpo, bem como as diferenças identitárias que moldam a subjetividade do indivíduo e a análise de discursos que indagam mulheres lésbicas quanto ao desejo de serem homens, com o intuito de alcançar os marcadores corporais existentes em discursos heteronormativos e reconhecer como se organizam.

Para isso, a plataforma de pesquisa utilizada será a internet. De maneira com que facilite o acesso aos escritos e notícias publicados. Os descritores aplicados serão Lésbica, Cartografia e Estigma com recorte temporal a partir de 1969, levando em consideração a Revolta de Stonewall, evento eminente no que tange as conquistas LGBTQIA+. Se estenderá até o ano de 2022, tendo em vista a qualificação de mestrado em 2023.

O presente estudo se ancora na pesquisa qualitativa, permitindo dizer que tal abordagem, nesse projeto, enquanto exercício de pesquisa não se apresentará como rígido e estruturado e



SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DIVERSIDADE E DIREITOS HUMANOS

sim com a possibilidade da imaginação e criatividade que leve à proposição de trabalhos que almejem novos enfoques. A partir disso o enfoque parte do pressuposto de interpretação do sentido da comunicação, inclui a busca pela significação (GODOY, 1995).

Ainda, é interessante ressaltar que:

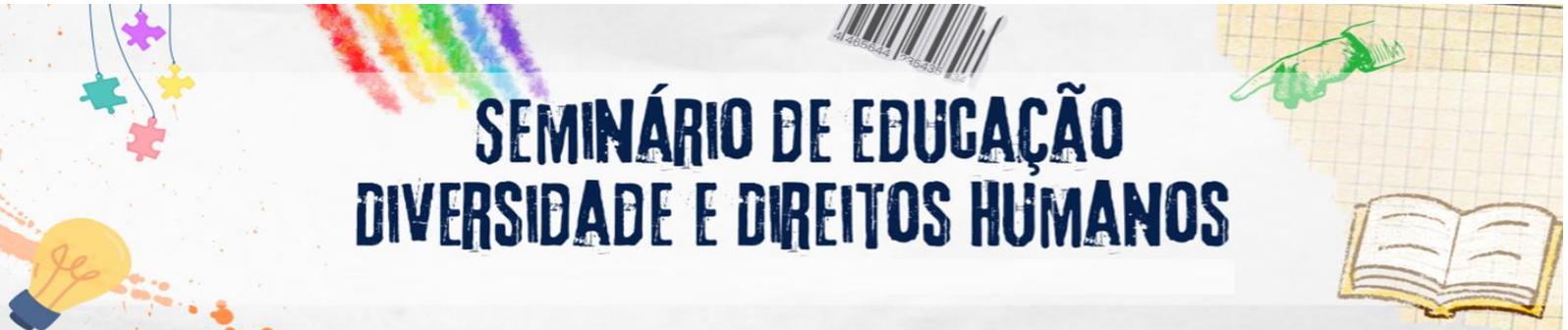
A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos – estudo de casos; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais/registros de campo; históricos interativos e visuais – que descrevem momentos significativos rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. Portanto, os pesquisadores dessa área utilizam uma ampla variedade de práticas interpretativas interligadas na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está ao seu alcance (DENZIN; LINCOLN. Et al. 2006, p.17.)

Neste enfoque, a entrevista como meio da pesquisa qualitativa, tem em seu sentido geral uma ampla rede de possibilidades de comunicações verbais, sendo a estratégia mais utilizada nos processos dos trabalhos de campo. É uma oportunidade de diálogo aplicada ao mapeamento e compreensão do mundo através dos respondentes da pesquisa, por isso, propicia materiais para uma melhor compreensão detalhada dos valores sociais, motivações, crenças e atitudes (MINAYO, MARIA, 2008).

Diversos são as justificativas para a escolha da entrevista como técnica de coleta e produção de dados, algumas delas podem ser visualizadas quando se trata da averiguação dos fatos ocorridos a partir da percepção do sujeito, o melhor entendimento dos sentimentos e experiências da pessoa, quais foram, são ou seriam as condutas do sujeito acerca da situação e quais os fatores prevalecem em seus pensamentos, sentimentos e ações.

Entretanto, autores alertam para as limitações impostas ao método, que contam com possibilidades de dificuldade na comunicação entre ambas as partes, a influência do entrevistador no entrevistado, medo do entrevistado ter sua identidade revelada, constrangimento por parte do entrevistado e a necessidade de uma maior dedicação para análise dos dados coletados e produzidos, cabendo ao pesquisador a devida atenção aos fatores encontrados em literaturas (LAKATOS, EVA; MARCONI, MARINA, 2010).

Muitas são as classificações existentes quanto ao tipo ou natureza de entrevistas, são elas o questionário, entrevista semiestruturada, aberta, focalizada ou projetiva. A entrevista escolhida para utilização nesta pesquisa foi a semiestruturada por se tratar de um instrumento



SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DIVERSIDADE E DIREITOS HUMANOS

flexível para a produção de dados que permite a maior liberdade de expressão no que diz respeito ao entrevistado e a conservação do foco do entrevistador (MANZINI, 2010).

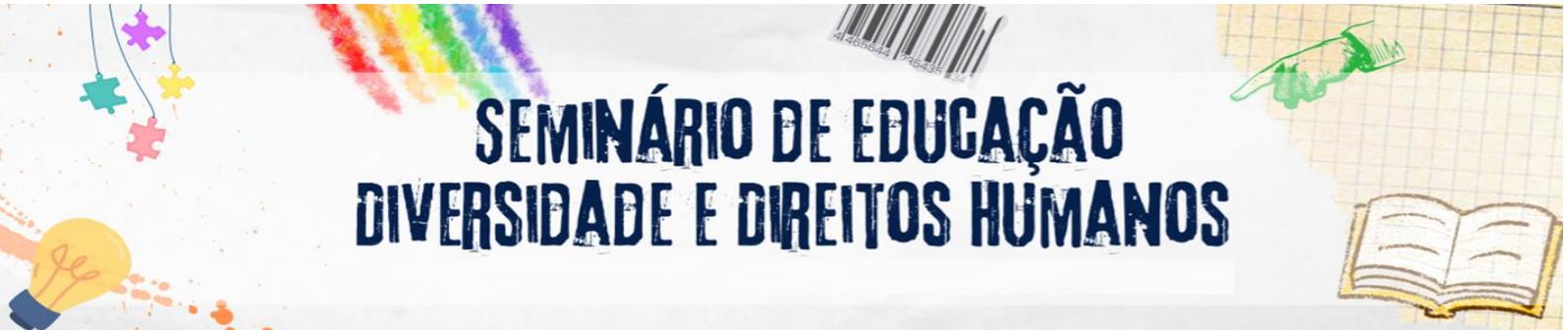
A entrevista semiestruturada busca combinar perguntas fechadas e abertas possibilitando ao entrevistador a oportunidade de discorrer sobre o objeto de pesquisa. Sendo assim, é necessário que o pesquisador tenha as perguntas pré-estabelecidas, entretanto, usufruindo da abertura para um contexto previamente informal. É visto que tal técnica produz uma melhor amostra da população objetivada, tendo em vista que há possibilidade de correção de enganos por parte dos respondentes, erros estes que não poderiam ser resolvidos no caso de questionários e uma maior abertura para possíveis surgimentos de questões inexistentes no roteiro, mas que possibilitariam utilidade para a pesquisa (BONI, VALDETE; QUARESMA, SILVIA, 2005).

PARTICIPANTES DA PESQUISA

Para a pesquisa de dissertação em questão, serão elencadas mulheres que se denominem lésbicas, independente do gênero ou raça com que se identifique. Pretende-se selecionar mulheres a partir de 18 anos, sem limitação da maioridade, haja vista que a possibilidade de identificações e pertencimentos é contínua.

Não haverá limitação de residência das respondentes, as entrevistas acontecerão via Google Meet, plataforma que garante o sigilo dos dados e assegura uma maior flexibilidade para a conversa, sem a necessidade dos gastos com locomoção e disposição de tempo. Dessa forma, será necessário que tanto para que a entrevistada tenha conhecimento da pesquisa e posteriormente contribua com suas vivências, tenha acesso a internet. Por isso, essa pesquisa não será capaz de alcançar mulheres lésbicas de baixa aquisição econômica.

As informações respondentes serão preenchidas virtualmente em computador de uso pessoal da própria entrevistadora. Será divulgado um convite via Redes Sociais, pelo Twitter, WhatsApp e Instagram. Às interessadas, caberá o contato com a pesquisadora via telefone particular, que passará maiores informações acerca das condições de participação. Antes do primeiro encontro, será enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e solicitado a leitura, assinatura e envio em formato PDF para a pesquisadora.



SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DIVERSIDADE E DIREITOS HUMANOS

A análise de dados feita através da cartografia como método de pesquisa e intervenção buscará a produção de sentidos para além das percepções já existentes dentro da comunidade LGBTQIA+, analisando qual a implicação da heteronormatividade na constituição do estigma corporal de mulheres lésbicas e a busca do melhor entendimento do processo de socialização do grupo LGBTQIA+ pertencente aos padrões heteronormativos e suas sugestões. Cabe ao estudo a abordagem dos contextos sociais, históricos e culturais como constituintes do processo identitário esmiuçando as interações sociais, a fim de instigar a abertura de novos questionamentos.

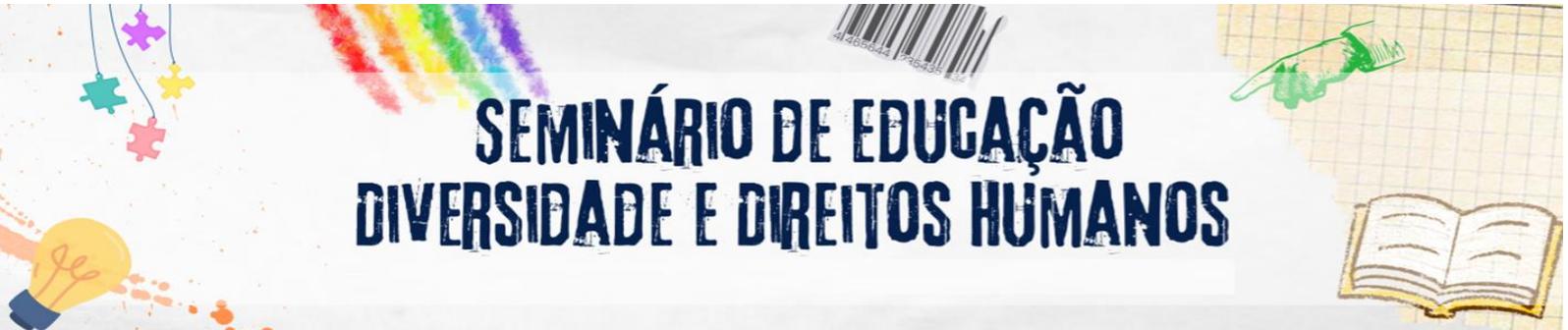
CONSIDERAÇÕES FINAIS

O existir lésbico é árduo, independente de qual área de trabalho ou meio social permeie sua vivencia, pois ao romper com as imposições familiares, amorosas e qual mais faça parte de sua cultura, seu destino é ser esposa, submissa, mãe e dona de casa. Qualquer que seja a expressão de singularidade de uma mulher, afasta-se de seu destino pré-estabelecido e bem fundamentado ao longo dos séculos.

Os corpos pré-concebidas como desviantes surgem então como denúncia ao binarismo de gênero e conservadorismo, denunciando, até o presente, sexualidade e performatividade. A produção de novas corporeidades na cultura atual faz-se necessária levando em conta a não superação do controle de corpos e visão assexuada discutida até o momento.

Nota-se que quando abordado o tema acerca da expressão de corpos e sexualidades heteronormativas há certa inadequação, e para mais, quando se pensa o desafogo de modelos sexuais que rompem a normativa, maiores são as discussões, abrindo um leque infinito de (in)possibilidades. De maneira a romper com o processo bem fundamentado da mulher como contida, angelical e materna, pode-se notar novas possibilidades de atuação, utilizando-se das interfaces de poder citadas para a reconstrução de preceitos enraizados quanto à gênero, sexualidade e a maneira de viver uma mulher lésbica.

Dessa forma, é necessário que se pense o sujeito LGBTQIA+ e suas subjetividades partindo do pressuposto da sexualidade e gênero, advindas de um processo binário entre homem e mulher. Sendo então uma questão envolta de características políticas e sociais, não somente



SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DIVERSIDADE E DIREITOS HUMANOS

como algo natural, mas formada por redes de discursos que prezam pela hegemonia de poder e escassez de subjetividades minoritárias.

Ainda, é importante salientar que a estigmatização dos corpos e em suas variadas interfaces possuem cunho social em sua formação, logo, não há possível intervenção sem que haja a fundamentação teórica dos marcadores sociais, raciais, econômicos e geográficos e ainda, a investigação dos discursos encontrados no público elencado como objeto de pesquisa, a fim de produzir e envolver-se durante a exploração do tema.

Portanto, conclui-se que, alinhado ao objetivo da reflexão inicial da dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pode-se compreender de que maneira, qual percalço teórico, e quais implicações das relações de binárias de gênero no que tange os estigmas e estereótipos corporais de mulheres lésbicas.

REFERÊNCIAS

BONI, VALDETE., QUARESMA, SÍLVIA Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica de Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 2, n 1, p. 68-80, 2005.

COSTA, L. **Cartografia**: uma outra forma de pesquisar. *Revista Digital Do LAV*, 7(2), 066–077. <https://doi.org/10.5902/1983734815111>, 2014.

DELEUZE G, GUATTARI F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 3. São Paulo: Editora 34, 1996.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997b.

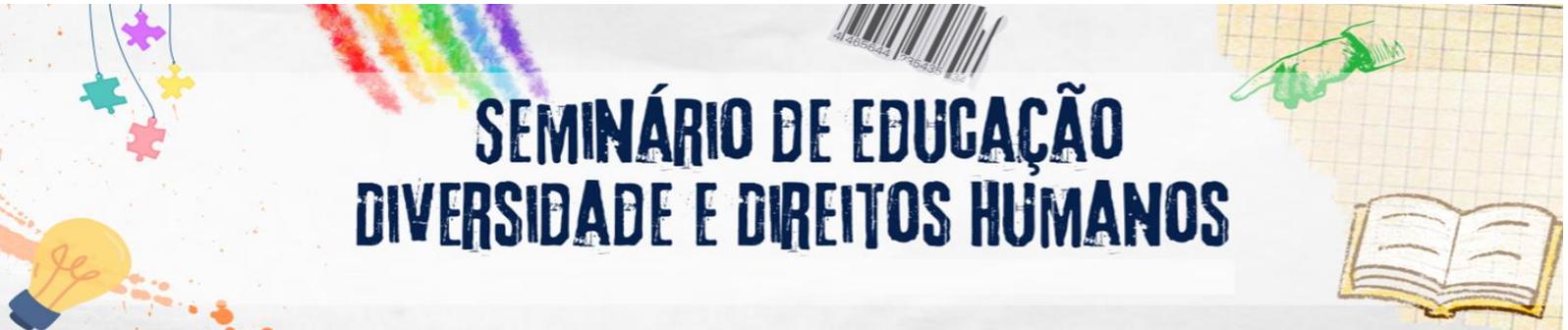
DELEUZE, G. PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DENZIN, N; LINCOLN, Y.; et al. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FILHO, K. P., TETI, MARCELA. **A cartografia como método para as ciências humanas e sociais**. P. 45-59. Santa Cruz do Sul, 2013.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2007^a

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2005



SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DIVERSIDADE E DIREITOS HUMANOS

GODOY, ARILDA. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**. São Paulo, v.35, n.3, 1995.

LAKATOS, EVA; MARCONI, MARINA. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MANZINI, E. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. **Programa de Pós-Graduação em Educação**, Unesp, Marília. Cnpq. 2004.

MINAYO, MARIA **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

PASSOS, E.; KASTRUP, VIRGINIA.; ESCOSSIA, LILIANA. Diário de bordo de uma viagem-intervenção. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa- intervenção e produção de subjetividades**. p. 172- 200. Porto Alegre, 2009.

SOUZA, ÉRICA. Interseções entre homossexualidade, família e violência: relações entre lésbicas na região de Campinas (SP). **Sociedade e Cultura**, 15(2), 297-308. 2012.

SWAIN, TÂNIA. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Editora Brasiliense. 2000.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2.ed. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.